FOTOCRÔNICA



CARLOS MONTEIRO
FOTOS E TEXTO

Rio, eu vejo flores em você

Há cidades que se revelam em monumentos. Outras, em cartões-postais. O Rio, não. O Rio se oferece em flores. Flores que brotam nos jardins, escapam pelos muros, enfeitam as calçadas e, sobretudo, caminham pelas ruas. Porque a Cidade Maravilhosa tem uma vocação floral. É poeta que escreve seus versos com pétalas e colore suas manhãs com a delicadeza de quem sabe amar.

Ao amanhecer, quando o sol ainda ensaia seus primeiros acordes sobre o mar, a cidade desperta como um imenso jardim. A Floresta da Tijuca derrama seu verde sobre a paisagem. As paineiras vestem-se de rosa. Os flamboyants incendeiam esquinas. Os ipês, em suas diferentes estações, oferecem amarelos, roxos e brancos ao olhar de quem ainda sabe parar para contemplar. Nos jardins do Jardim Botânico, a natureza parece conversar baixinho com a eternidade.

Mas há outras flores. Talvez as mais bonitas. São aquelas que não precisam de raízes, terra ou vasos. Estão nas pessoas. No sorriso da senhora que atravessa a rua de Ipanema. Na menina que corre pela areia. No vendedor de mate que anuncia sua alegria entre um gole e outro. No abraço demorado dos amigos no botequim. Na gentileza inesperada, no gingado de quem dança a vida, na pele dourada pelo sol. Cada carioca é uma espécie. Cada rosto, uma cor. Cada gesto, uma pétala.

E que perfumes tem essa cidade! O aroma adocicado das mangueiras, a fragrância discreta das gardênias, o perfume intenso das damas-da-noite que despertam quando o sol se recolhe. Há cheiro de jasmim nos quintais, de terra molhada depois da chuva, de maresia misturada ao perfume de uma flor que insiste em nascer entre as pedras. Aromas que se encontram, se confundem e despertam sentidos. O Rio também se fotografa pelo olfato.

É uma sensualidade que não se explica. Está no perfume que atravessa uma varanda, no vento que acaricia os cabelos, na flor oferecida sem motivo, no olhar que floresce antes mesmo de qualquer palavra. A cidade seduz sem pedir licença. Tem o perfume de quem conhece seus encantos e a delicadeza de quem não precisa anunciá-los.

Imagino o Rio como um poeta apaixonado. Sua musa é a própria vida. E, todos os dias, ao despertar, ela lhe oferece ramalhetes. Não escolhe apenas rosas ou orquídeas. Colhe gente. Gente de todas as cores, sotaques, histórias e sonhos. Entrega-lhe um buquê de trabalhadores, artistas, pescadores, crianças, sambistas, atletas, anônimos e personagens de tantas esquinas. Flores humanas que, juntas, fazem da cidade um jardim impossível de reproduzir em qualquer outro lugar. Talvez seja por isso que, mesmo diante de suas dores e contradições, o Rio continue tão apaixonante. Porque sua maior beleza não está somente na paisagem que se descortina entre o mar e a montanha. Está naquilo que floresce apesar de tudo.

E quando a tarde se despede, tingindo de dourado o Dois Irmãos e fazendo o Cristo Redentor parecer abraçar o horizonte, a poeta recolhe seus versos e prepara novos ramalhetes para o dia seguinte. Afinal, há muito tempo descobri: o Rio não é apenas uma cidade bonita. É uma declaração de amor em permanente floração. Rio, eu vejo flores em você. E, em cada carioca, encontro uma delas.









